



A ATUALIDADE DE ERICO VERISSIMO

Maria da Glória Bordini

UFRGS/CNPq

RESUMO: Revisitando os romances de Erico Verissimo por ocasião dos 120 anos de seu nascimento, este ensaio discute a atualidade de seus textos numa perspectiva semiológica, segundo teorias de Mukarovsky e Vodicka. São tópicos principais o interesse do público sobre o quanto as minorias são representadas, sobre o engajamento do autor no plano ideológico, bem como a função dos aparelhos culturais na consagração das obras e os riscos da atenção instável dos leitores nos tempos de incerteza de agora.

PALAVRAS-CHAVE: Romances de Erico Verissimo; Representatividade das minorias; Engajamento ideológico; Aparelhos de difusão cultural; Repercussão pública.

ABSTRACT: Revisiting Erico Verissimo's novels on the 120th anniversary of his birth, this essay discusses the relevance of his texts today from a semiological perspective, according to the theories of Mukarovsky and Vodicka. The main topics deal with the public's interest in how much minorities are represented, the author's engagement on an ideological level, as well as the function of cultural apparatuses in the consecration of works and the risks of unstable reader attention in these uncertain times.

KEYWORDS: Erico Verissimo's novels; Representation of minorities; Ideological engagement; Cultural dissemination apparatuses; Public impact.

Para entender a atualidade da produção literária de Erico Verissimo, convém relembrar que o termo é espinhoso. Se existem teorias da contemporaneidade (cf. Agamben, 2009), elas não podem se confundir com os elementos que asseguram a permanência de um texto ao longo do tempo e do espaço. A pergunta a ser respondida é por que razão uma ou outra obra de um escritor continua a ser procurada pelas comunidades leitoras, enquanto outras são ignoradas ou só aparecem em estudos muito especializados, fora do alcance do público em geral.

Um caminho para a discussão desse comportamento que pode parecer enigmático talvez se encontre no fato de que a obra de arte tem uma natureza semiológica. (Ver Mukarovsky, 1978) Ela tem uma dimensão sensível, é uma coisa tangível, possui uma materialidade que a faz durar enquanto for reproduzida. Se essa reprodutibilidade falha, a obra-objeto desaparece no tempo. Além de sua incontestável materialidade, há o seu caráter signico. Um texto literário não é uma árvore ou uma pedra, que existem por si e para si. Enquanto signo, a literatura, assim como outras artes, aponta para fora de si, para o mundo em que está, afirmando-o ou o reformulando. Pode simulá-lo, dissimulá-lo ou negá-lo. Isso porque é independente dele, depois de escrita, está aí. E não se identifica com as consciências de seu autor, nem com a de seu leitor, individuais e mutáveis.

O texto literário é ao mesmo tempo um signo autônomo, que, em contato com aquilo que ele significa, torna-se um objeto estético, que vive na consciência coletiva, através das significações que transcendem as individuais no que estas têm em comum. Assim, é um objeto imaterial, que perdura para além de cada leitura específica, que lhe confere hoje tais e tais significações, mas amanhã pode construir outras.

Além disso, como qualquer signo, a obra literária possui um lado comunicativo, expresso através do que se chama “tema”. Este cristaliza as significações flutuantes, aquelas que se voltam para acontecimentos, pessoas, entes naturais ou artificiais, reunindo-as num complexo temporal e/ou espacial, embora não confira a elas um valor existencial. O tema não tem autenticidade documental: existe apenas “como se”, mas permite a constituição de uma estrutura que pode ser apreciada *como se* pertencesse a uma realidade qualquer.

Como diz Jan Mukarovsky (1978, p.137),

Toda obra de arte é um signo *autônomo* composto: 1.o) de uma “obra-coisa”, que funciona como símbolo sensível; 2.o) de um “objeto estético” que se enraíza na consciência coletiva e que funciona como “significação”; 3.o) de uma relação com a coisa significada, relação que se refere, não a uma existência distinta – posto que se trata de um signo autônomo – mas ao contexto total dos fenômenos sociais (ciências, filosofia, religião, política, economia, etc.) de determinado meio.

A atualidade de uma literatura como a de Erico Verissimo, nesse sentido, depende da constância da reprodução de suas obras, em que o meio editorial tem um papel primordial, secundado pelas instâncias de circulação, como a escola, a crítica e as mídias. Igualmente se apoia na atuação do lado estético dos textos, sobre a consciência do público brasileiro e/ou estrangeiro que os lê, e do relacionamento que eles estabelecem com os fenômenos do aqui e do agora a que apontam.

Repercussão pública

Avaliar o efeito de uma obra literária sobre o público para estimar sua permanência depende de vários fatores. Primeiro, é preciso estabelecer a relação dela com o que Felix Vodicka (Ver 1978), com base em Mukarovsky, entende por norma estética. Trata-se de um conjunto de valores associados à sensibilidade coletiva que se institucionaliza, servindo de parâmetro para a apreciação ou julgamento de uma literatura ou um texto literário. Vodicka lembra que a percepção estética “não é determinada somente por convenções tradicionais, mas também pelo desejo de que determinadas obras novas correspondam a algo indefinido” (p.300), a ser realizado.

A norma em si não é inabalável, mas, tendo em vista que orienta e educa a percepção estética, pode tornar-se um ponto de vista dominante. Boa parte de sua constituição depende a crítica literária, mas abriga também exigências extratextuais. Padrões éticos, religiosos, filosóficos, políticos, culturais e educacionais a influenciam e, dada a temporalidade destes, a modificam. Para se analisar aquilo que certa época e certa sociedade valorizam, é necessário considerar as relações entre o repertório da grande massa de leitores e dos leitores da ‘melhor’ literatura, o que domina em termos

de preferências, simpatias e antipatias, e se a comunidade leitora é coesa ou internamente dividida.

Pondera Vodicka, “Sabe-se que as qualidades estéticas de uma obra poética podem afetar profundamente a sensibilidade do leitor, assim como o modo pelo qual a obra se aproxima da realidade, ou a implica, pode ter um efeito sobre ações desse mesmo leitor” (p. 1978, p.308-309). Entre as possibilidades estariam personagens capazes de conformarem certos tipos sociais de uma época, moralidades propostas pelos textos que atuam sobre a moral social, papel reconhecido de uma obra nas lutas da sociedade por determinados objetivos.

Representatividade das minorias

Hoje em dia, no cenário do consumo de textos literários, um dos requisitos para despertar ou atrair a atenção dos leitores, é o quanto são representadas as chamadas minorias, aquelas parcelas da população que ficam à margem do bem-estar desejável, seja por motivos de raça, gênero, etnia ou condição social. Há todo um movimento de valorização dos discursos que têm sido historicamente silenciados, acionado em geral por integrantes dessas mesmas camadas que fazem ouvir suas vozes, muito graças à proliferação de meios de divulgação digital.

O negro, o indígena, o LGBTQIA+, o favelado, ao narrarem seus problemas seja em romances, contos ou crônicas, provocam reações, senão de indignação de quem os lê, pelo menos de curiosidade, produzindo a abertura de espaços no meio editorial, novos nichos para a lucratividade das empresas. Livros como o de Carolina Maria de Jesus, ou de Giovani Martins, de Jefferson Tenório ou de Daniel Mundukuru, suscitam interesse pela realidade muitas vezes desconhecida que descortinam, podendo levar o leitor a engajar-se na luta contra as desigualdades.

Erico Verissimo produziu suas obras no século passado, em que o tema da representatividade social mal aflorara, na pena de um Graciliano Ramos, seu coetâneo, com suas personagens nordestinas marcadas pela penúria, ou de seu outro colega, Jorge Amado, celebrando o multirracial povo baiano. Erico, entretanto, não deixou de preocupar-se com a representação dos “humildes e ofendidos”. Desde seus primeiros

romances, a luta dos jovens por um lugar ao sol numa sociedade hostil se fez presente, tanto em *Clarissa*, quanto em *Música ao Longe*, *Caminhos Cruzados* e *Um Lugar ao Sol*. A determinação de Fernanda, a ingenuidade de Clarissa, as desventuras de Vasco na cidade grande conquistaram grande massa de leitores, projetando o autor como um nome a considerar no romance urbano brasileiro.

Por outro lado, a levada histórica de *O Tempo e o Vento*, além de retratar a belicosa formação de uma região brasileira, deu oportunidade a que os menos favorecidos aparecessem na sua destituição radical, como os errantes Carés, o mestiço Pedro Missioneiro, os escravizados, nas casas senhoriais, os corpos prostituídos em razão da miséria, como o de Honorina, as mulheres sufocadas pelos ambientes patriarcais, como Luiza, as vítimas da prepotência dos terratenentes, como os Terra, e dos embates políticos, como o corrompido Rodrigo Cambará.

Nos seus romances mais recentes, Erico conseguiu um feito inédito na literatura brasileira, o de ultrapassar as fronteiras nacionais, para analisar grandes temas de sua época, suscitando o estranhamento de seus admiradores pela falta de suas habituais figuras heroicas. Discutiu a ameaça de expansão do comunismo no Caribe, em reação ao imperialismo norte-americano, na figura contraditória do diplomata Gabriel Heliodoro e no dilema de Pablo Ortega quanto à revolução em Sacramento, de *O Senhor Embaixador*. Denunciou a intervenção armada estadunidense no leste asiático, em *O Prisioneiro*, escancarando a impossibilidade de autonomia do soldado negro ante às injunções do sistema invasor e a resistência muda dos invadidos através do terrorismo. Sobretudo, levantou os mortos de diversas classes sociais para confrontar o processo da decomposição da democracia numa cidadezinha corrupta em *Incidente em Antares*.

A representatividade que conferiu às vítimas do poder discricionário, como o operário João Paz, em *Antares*, e aos idealistas como Floriano Cambará e Roque Bandeira, em *O Arquipélago*, criou lugares de fala para aqueles que o público não estava acostumado a ouvir, pelo menos em grande parte da ficção brasileira durante regimes de exceção como o do Estado Novo getulista e o da ditadura militar.

Engajamento ideológico

Discutir a questão da ideologia em Erico Verissimo requer o entendimento da complexidade do termo. Segundo a *Routledge Encyclopedia of Philosophy*, a ideologia apresenta duas concepções principais: uma descritiva ou neutra, que se refere às diferentes formas como os seres humanos percebem e avaliam a realidade social e política, e uma crítica, de uso até pejorativo, que a associa a crenças falsas ou distorcidas que servem para legitimar a dominação. Em geral, o termo foi usado em relação a Erico na segunda acepção.

Durante a trajetória literária de Erico Verissimo em diversas de suas etapas, o escritor foi cobrado a assumir ou defender posições ideológicas. Nas décadas de 1930 e 40, especialmente a crítica de inclinação sociológica ou marxista o acusava de transmitir a seus leitores, em seus romances iniciais, uma ideia pequeno-burguesa da realidade social, em que a opressão capitalista era amenizada pela fraternidade e esperança de dias melhores.

Nos anos 50 e 60, com a publicação de *O Tempo e o Vento*, essas acusações silenciaram, ante a diversidade de pontos de vista ideológicos das personagens da trilogia. Colaborou para isso o aparecimento de *O Senhor Embaixador*, em que questões geopolíticas entre ditaduras latino-americanas e hegemonia dos Estados Unidos tornaram nítido o comprometimento do autor com ideais da esquerda, embora contrapondo-se às soluções revolucionárias que não alteravam a condição das populações.

Nos anos 70, com *O Prisioneiro* e *Incidente em Antares*, patenteou-se o que Erico denominou de humanismo marxista no ideário dos romances. Os ferrenhos adeptos do sistema comunista tinham já perdido as ilusões quanto à práxis marxista praticada na URSS, restando-lhes apenas a teoria de Marx como parâmetro ainda desejável. Para Erico, importava agora denunciar a maquinaria dos regimes de exceção, guardando um certo ceticismo quanto à noção comum de ideologia.

O que se pode constatar é que ideologicamente Verissimo foi um liberal, não no sentido do neoliberalismo atual, que reforça a autonomia do mercado e a livre

concorrência acima de quaisquer considerações humanistas. Erico, que de início admirava os Estados Unidos como defensor das liberdades fundamentais, passou a ver o país criticamente, em especial depois de sua experiência diplomática na União Pan-Americana, nos anos 50, percebendo as pressões e danos causados pelo poderio econômico estadunidense. Mas não deixou de apresentar-se como um liberal, no sentido de acreditar na autodeterminação do indivíduo, na preservação da liberdade pessoal desde que regida pela lei e exercida numa sociedade democrática, em que não haja um poder absoluto.

Na verdade, o liberalismo, tal como definido na tradição filosófica moderna, constitui uma doutrina política voltada à defesa e à realização da liberdade, cujo desenvolvimento histórico não é homogêneo. Conforme sistematiza Abbagnano, o liberalismo nasce na Idade Moderna e se estrutura em valores como o individualismo, o jusnaturalismo e limitação do poder estatal, que se manifestam na defesa da democracia, no secularismo, igualdade de gênero, internacionalismo, liberdade de expressão, de imprensa e religiosa (1998, p. 604-605). Ao longo de sua história, porém, permanece central a preocupação com a liberdade como problema político fundamental, ainda que compreendida de modos distintos e por vezes contraditórios.

É assim que suas personagens se movem em *O Resto é Silêncio*, em *Saga*, em *O Continente*, em *O Arquipélago*, e *Incidente em Antares*, para citar apenas alguns exemplos. Tonio Santiago empreende por conta própria a investigação da morte de Joana Karewska, acreditando na responsabilidade social do cidadão; Vasco vai lutar ao lado dos republicanos contra Franco, na Guerra Civil Espanhola, levado pela ideia da liberdade política, mas a desumana experiência no campo de concentração o leva a reavaliar seu belicismo, tornando-se pacifista. Os Terra resistem ao mandonismo dos Amarais, destacando-se o Capitão Rodrigo como baluarte da liberdade. Floriano olha criticamente a família Cambará, o conservadorismo do irmão Jango, o comunismo do caçula Eduardo, mas seu alvo principal é o pai, enredado na corrupção getulista e ávido por manter seu status político. E os mortos-vivos de Antares não podem tolerar o desrespeito que a cidade lhes inflige ao negar seu direito fundamental ao enterro, empestando-a para evidenciar o clima de opressão consentida que ali se desenvolve.

Hoje, em que a norma estética em vigor é a da diversidade de posições, no plano ideológico, falando-se até em pós-ideologia (Ver Horta; Freire; Siqueira, 2012), o posicionamento de Erico pode ser vinculado ao respeito à arte do romance, acima de outros interesses extraliterários, sem deixar de defender, em sua atuação pública, o direito à liberdade e à livre opinião.

Aparelhos culturais e consagração

Diversas instâncias da sociedade civil colaboram para a permanência de uma obra literária. No caso de Erico Verissimo, a aceitação de sua produção não aconteceu gratuitamente. No início de sua carreira defrontou-se com as dificuldades usuais de um autor novo e desconhecido. Contou, porém, com o acolhimento de seus pares desde cedo, assim como com uma casa editorial de peso, a Editora Globo, de Porto Alegre, que o publicou desde sua primeira obra *Fantoches*, que um incêndio providencial o livrou, segundo ele, de um fracasso prematuro. Desde *Clarissa*, porém, caiu no gosto do público, que ele soube cultivar ao criar uma série de romances em que as personagens mais admiradas se repetiam, estimulando a leitura por curiosidade quanto a seu destino e por simpatia moral a suas condutas.

Ao mesmo tempo, foi-se constituindo uma avaliação constante de cada novo lançamento, em que a crítica porto-alegrense e mais tarde nacional, procurou compreender aquele crescimento do gosto de diversos segmentos leitores por seu romance urbano, o que era inusitado nos anos 1930 e 40 no Brasil, em que vigorava o romance regionalista. Os críticos de então olhavam com desconfiança para um autor que se mostrava tão popular, de tão fácil leitura.

O lançamento de *O Tempo e o Vento*, no fim da década de 1940 até os anos 60, mudaram essa avaliação negativa, pois a trilogia, com sua composição contrapontística ampla, percorrendo do século XVIII ao XX, com foco nas peripécias de uma saga familiar muito próxima da formação política das elites governantes do país, requeria instrumentos e juízos mais sofisticados, os quais vieram a valorizar a marca Erico Verissimo. Sempre sob a chancela da Globo, a carreira do escritor se projetou pelo país e, logo, recebeu traduções no exterior. Seu prestígio lhe angariou os prêmios brasileiros

mais importantes, o Machado de Assis, da ABL, o Jabuti e o Juca Pato, chamando ainda mais a atenção da crítica e do público para sua obra.

Sua virada internacional, com *O Senhor Embaixador* e *O Prisioneiro*, entretanto, dividiu a crítica entre direita e esquerda, cada qual divergindo sobre o juízo a esses romances políticos, uns reprovando a ultrapassagem das fronteiras nacionais e outros louvando a capacidade de denúncia das obras. Foi com o aparecimento de *Incidente em Antares* que Erico recobrou seu status de grande autor, com sua incontestável alegoria da formação da ditadura cívico-militar na cidadezinha de Antares.

A função da crítica e o apoio editorial que recebeu atestam o quanto os aparelhos culturais atuam sobre a repercussão de sua obra. E confirmam as teorias da recepção literária sobre as relações entre literatura e os leitores. No livro *A História da Literatura como Provocação à Ciência Literária*, Hans Robert Jauss fornece uma boa explicação para a durabilidade do texto literário. Jauss quer restabelecer a historicidade da literatura considerando ao mesmo tempo seu lado estético. Para tanto, leva em conta os processos de atualização da obra ao longo do tempo. Para ele, segundo Regina Zilberman (1999, p.9),

A recepção corresponde à concretização das potencialidades de leitura que cada criação artística carrega consigo; não quer dizer que sejam sempre iguais – pelo contrário, diferem respondendo a diferentes questões que cada época coloca a um texto. [...Verifica] como se deu e vem ocorrendo a comunicação desses produtos de cunho artístico com o público, representado pelos seus segmentos mais avançados, a saber: a crítica e o ensino.

Os processos criativos de uma obra envolvem estratégias destinadas a produzir efeitos sobre quem a lê, pois a literatura só existe de fato pela atuação do leitor. Este varia em idade, interesses, experiências, de modo que o escritor lhe propõe temas, compondo-os por meio de artifícios que o mantenham preso ao tempo da obra, lendo-a até o fim, mas deixando vazios a serem preenchidos à vontade. Os leitores, por sua vez, também estão imersos em diferentes tempos, cujos valores mudam, e são livres para interromper o processo de leitura, para rejeitar ou aceitar aquilo que a ficção lhes oferece. Depende do potencial de mobilização dos valores que circulam no horizonte dos leitores o êxito de uma obra. E nisso, além dos juízos críticos especializados, que

orientam a significação que um texto recebe por meio da análise de seus processos estéticos e ideológicos, uma outra instância cultural sobressai: a escola.

Parte fundamental da formação dos cidadãos de um país, a instituição escolar desde seus inícios se valeu da literatura com intuitos pedagógicos. O prazer inerente ao texto literário cedo foi instrumentalizado para cativar a imaginação das crianças e jovens e para conquistar a atenção dos adultos. Embora as intenções por trás do uso escolar da literatura pouco tivessem em vista educar a sensibilidade estética, liam-se obras para inculcar valores morais e sociais. A escolha, restrita às exigências dos currículos, quando não às posições morais ou ideológicas dos gestores escolares, acabou por instituir certas obras como canônicas, o que veio a fortalecer sua permanência histórica. A épica e a lírica da Antiguidade se tornaram clássicas, isto é, matéria das classes. A literatura moderna sofreu por seu caráter de contestação aos classicismos e aos valores estabelecidos pela tradição.

Sua presença nos currículos é admitida principalmente pelo aval da crítica e da história, o que vem em prejuízo de textos de teor “subversivo”, seja em questões de sexualidade ou de filosofias perturbadoras. Assim é que, no que tange ao ingresso das obras de Verissimo nos programas escolares, nos diversos graus do ensino, os problemas postos pelas cenas de sexo até hoje têm sido decisivos para sua exclusão nos anos iniciais e no ensino médio, e a aparente facilidade de seus enredos é argumento para não serem objeto de estudo nos níveis superiores. Curiosamente, a violência não costuma ser critério para repelir obras como *O Prisioneiro* ou *Incidente em Antares*. Resulta dos processos censórios da escola que os livros infantis de Erico são admitidos no ensino básico, em edições caprichadamente ilustradas para crianças pequenas, incluindo-se também edições paradidáticas de feição gráfica de menor custo como *Clarissa*, *Ana Terra*, *Um Certo Capitão Rodrigo*, *O Diário de Sílvia* para os mais velhos. É evidente que a adoção de textos literários pela rede escolar beneficia seus editores, mas, no caso de Erico, além do acréscimo nos direitos autorais, não representa um impulso significativo para a permanência de sua literatura.

Resta, pois, para conservar a atualidade da obra de Verissimo, a intervenção da mídia na sua difusão, em especial com adaptações em forma de novelas ou minisséries, bem como de filmes. O alcance proporcionado pela televisão ou pela internet, mesmo

que sob forma de adaptações, é um poderoso recurso para incentivo da leitura dos textos do autor. A ele se unem as adaptações teatrais, de que é exemplo *Incidente em Antares*.

A atualidade sob perigo

Assim como a literatura, para continuar viva, depende de seus leitores, estes correm o risco de serem atropelados pelo tempo presente, que lhes coloca impasses à sua atividade leitora. Este é um tempo de transformações aceleradas do mundo, implicando a fragmentação das identidades, a informação excessiva, a crise das grandes narrativas e a redefinição do que é ser humano, do que é o saber e do que é real.

Época de incertezas, de mínimas durações, seja em termos de relações humanas ou de filosofias de vida, o leitor de hoje está mergulhado num turbilhão de apelos, em que o próprio livro pode se desvalorizar como forma de autoconsciência e de busca do outro. A literatura de Erico Verissimo supõe uma estabilidade do querer, uma entrega a mundos que já não são os de agora e que igualmente não concorrem com os clássicos, estes arraigados nas expectativas culturais – se é que ainda vigoram – da sociedade.

Afeiçoados para mostrar realidades indesejáveis, como as de comunidades oprimidas, as de desigualdades entre poderosos e destituídos, para erigir modelos de resiliência moral, a pergunta é se os textos de Erico continuarão no gosto instável e volúvel do público do universo do consumo, que tudo transforma em mercadoria no ultra capitalismo dominante. Espera-se que a luta acendrada de Verissimo contra a desumanização possa permanecer como um reduto ou refúgio para os insatisfeitos com o status quo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. “Liberalismo” In: _____. *Dicionário de Filosofia* [tradutor Alfredo Bosi et al.]. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AGAMBEN, GIORGIO. “O que é o Contemporâneo?” In: _____. *O que é o Contemporâneo? e outros ensaios*; [tradutor Vinícius Nicastro Honesko]. Chapecó, SC: Argos, 2009.

HORTA, José Luiz Borges; FREIRE, Thales Monteiro; SIQUEIRA, Vinicius de. A era pós-ideologias e suas ameaças à política e ao estado de direito. *Confluências*, Niterói: PPGSD-UFF, v. 14, n. 2, p.120-133, dez. 2012.

MUKAROVSKY, Jan. A arte como fato semiológico. In: TOLEDO, Dionísio (Org.). *Círculo Linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Globo, 1978. p.132-139.

ROUTLEDGE Encyclopedia of Philosophy. Ideology. Site.
<https://www.rep.routledge.com/search?searchString=Ideology&newSearch=#> Acesso em: 22/12/2025.

VODICKA, Felix. A história da repercussão das obras literárias. In: TOLEDO, Dionísio (Org.). *Círculo Linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Globo, 1978. p.299-309.

ZILBERMAN, Regina. A Estética da Recepção e seu acolhimento brasileiro. *Moara*, Rev. dos Cursos de Pós-Grad. em Letras UFPA, Belém, n.12, p.7-17, jul./dez.1999.

Maria da Glória Bordini é Mestre em Letras/Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1983) e Doutora em Letras na mesma área de concentração também pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1991). É professora aposentada como adjunto IV na UFRGS e ex-professora titular de Teoria da Literatura da PUCRS. Atualmente exerce o cargo de professora colaboradora convidada da UFRGS no Programa de Pós-Graduação em Letras. É um dos editores da revista binacional *Brasil/Brazil*. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria da Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: Erico Verissimo, acervos literários, literatura brasileira e (afro)portuguesa, Estudos Culturais e Lírica. É pesquisador 1D do CNPq. Entre suas publicações, destacam-se *Criação Literária em Erico Verissimo* (1995) e *Matérias da memória* (2021).

Artigo recebido em 17/12/2025. Aprovado em 29/12/2025.